



AAG 1037

Mormon Religion
D

Granite Mountain Records Vault
for P&P Tues

If you are interested in tracing your roots, there are two local organizations willing to offer assistance.

The Church of Jesus Christ of Latter Day Saints, New Port Richey Ward, will take information and help trace ancestors through the church's International Genealogy Index.

Assistance is available from 9 a.m. to 1 p.m. each Tuesday at the Ward, 137 Hilltop, off Jasmine Boulevard, New Port Richey.

For more information, contact William Stacy, 848-6901.

A lineage workshop is being cosponsored by the Hudson Branch Library and the Pithlochaskotee Chapter of the Daughters of the American Revolution.

The course will explain the tools and sources used by genealogists and practical ways of recording family history. Field trips to area genealogical libraries will be arranged.

Call 848-6901 on Thursdays, Nov.

High in the Wasatch Mountains in Utah under 700 feet of solid granite stands the Granite Mountain Records Vault built by the Church of Jesus Christ of Latter Day Saints to protect microfilm and other records.

O CORPO COMO ARQUIVO, O ARQUIVO COMO CORPO

Miguel Leal

ARQUÉTIPOS FUTUROS

Quando penso nos arquétipos contemporâneos do arquivo dois exemplos vêm-me de imediato à memória, dois exemplos febris, dois exemplos que nos dão a imagem perfeita do arquivo como excesso, de uma febre do arquivo portanto.

O primeiro é o *Granite Mountain Records Vault*, um gigantesco cofre forte escavado pelos Mórmons nas montanhas do Utah, perto de Salt Lake City. Este louco empreendimento, saído directamente dos medos da Guerra fria, é a maior colecção do mundo de registos genealógicos. Construído entre 1958 e 1963, o cofre está instalado numa montanha comprada para o efeito pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A intenção era preservar os nomes de todos aqueles que alguma vez existiram à face da terra para o dia do juízo final, como se apenas a salvaguarda de um nome permitisse a salvação da alma. Guardam-se ali 2,4 milhões de rolos de microfilme que correspondem aproximadamente a 3,5 biliões de imagens, entre centenas de milhares de livros e outros registos, hoje totalmente digitalizados, contendo informação sobre biliões de pessoas em 170 línguas diferentes. O *Granite Mountain Records Vault* guarda assim o maior arquivo de nomes que alguma vez existiu, o maior arquivo morto que poderíamos algum dia imaginar.

Granite Mountain Records Vault



O outro arquivo é o *Svalbard Global Seed Vault*, construído pela Noruega na longínqua ilha de Spitsbergen, a cerca de 1300 quilómetros do Pólo Norte. Concluído em 2008, este arquivo guarda no frio do Ártico sementes de todo o mundo, num refúgio que se supõe seguro no caso de uma catástrofe regional ou global. As sementes são guardadas a uma temperatura de -18 graus Celsius, dentro de embalagens seladas, fechadas depois em caixas e armazenadas em prateleiras no interior do cofre. As baixas temperaturas e os baixos níveis de oxigénio ajudarão a atrasar o envelhecimento das amostras. O *permafrost* garantirá a manutenção dessas condições mesmo no caso de uma falha geral na distribuição eléctrica. O *Svalbard Global Seed Vault* não é um banco genético mas sim uma reserva de rectaguarda que preserva duplicados das sementes guardadas noutros bancos. O cofre gelado de *Svalbard* tem capacidade para armazenar 4,5 milhões de amostras de diferentes sementes. Cada amostra tem uma média de 500 exemplares, pelo que em Svalbard podem ser guardados 2,25 biliões de sementes, o que

permite arquivar em segurança duplicados de todas as amostras existentes em mais de 140 bancos de sementes por todo o mundo. Se o arquivo de todos os nomes do Utah é o maior arquivo-morto que alguma vez existiu, este é talvez o maior arquivo de coisas vivas que alguma vez se imaginou, uma espécie de arca de Noé do mundo vegetal.

Estes arquivos não são visitáveis, por razões óbvias de preservação daquilo que guardam no seu interior. Tudo naqueles ambientes é controlado, são uma espécie de mundo fora do mundo, num tempo fora do tempo. Num e noutro caso trata-se de preservar e esconder, de guardar e fazer esquecer, sempre à espera de um acontecimento extraordinário que possa acordar o arquivo do seu estado de dormência. É por isso que, ao contrário do que possa parecer, estes dois arquivos remetem menos para uma escavação arqueológica do passado do que para uma escavação arqueológica do futuro, se é que o podemos dizer assim, como se o arquivo fosse algo que só o futuro pode explicar.



Freud Museum, Londres.



Albert Londe, *Sono histérico*, *La Photographie médicale* (La Salpêtrière, 1893).

CORPO E IMAGEM DO CORPO

Se referi os exemplos do Utah e de Svalbard é porque me parecem fundamentais para se entender como os arquivos, todos os arquivos, oscilam entre duas ideias que são como que opostas. De um lado, a ideia de arquivo como coisa viva, como instrumento (quase) biológico que mantém a memória das coisas vivas e que revela uma operatividade potencial; do outro, a ideia de arquivo como mausoléu, um lugar onde as coisas se guardam para uma eternidade que há-de vir. Com efeito, as contradições do arquivo são qualquer coisa que se liga a esse confronto entre o princípio do prazer e a pulsão de morte, entre Eros e Tanatos. Todos os arquivos oscilam entre a ideia de preservação e a ideia de apagamento, todos os arquivos se fundam nesta contradição insanável. São por um lado uma espécie de lugar de salvação da memória e por outro a razão mesma do seu desaparecimento, são pois qualquer coisa que se situa entre o abrigo e o túmulo, a casa e o mausoléu. É essa a perversidade inerente ao arquivo.

A palavra grega *arkée* dá origem ao arquivo mas também à arqueologia, essa disciplina cuja função é escavar os arquivos físicos da memória. Na verdade, não há arquivo sem uma incisão na pele, seja no nosso corpo seja no corpo dos outros ou nas coisas que nos rodeiam. Não há forma mais radical de pensar o arquivo do que pensar a sua inscrição, enquanto sutura, no nosso corpo. E penso que isto é verdade muito para lá dos exemplos que encontramos nos corpos tatuados ou

marcados por uma incisão. Muito para além dessas alegorias da vida, da memória e da sua inscrição sobre o corpo, diria que no limite todo o arquivo se inscreve sobre o corpo, sobre os corpos. Repito, não há arquivo sem essa inscrição. No corpo e do corpo.

O arquivo vive pois encaixado entre essas duas noções primeiras, de um lado a ideia de origem, de começo, a ideia do arquivo como traço fundador, e, por outro, a ideia de arquivo como mandato, como ordem instituidora, como lugar onde se exerce a autoridade. O arquivo conserva e institui. Pensar no arquivo é assim pensar, em primeiro lugar, na economia do arquivo. E se não há corpo sem arquivo, diria que não há arquivo sem um corpo, sem uma economia que é antes de mais a economia dos corpos que o constituem e que a partir dele se enunciam.

E aqui regressa a pergunta fundamental que fazia há pouco: haverá arquivo mais radical do que aquele que deixa o seu traço sobre o corpo, sobre o nosso próprio corpo? É no corpo, é na pele das coisas que se imprime verdadeiramente a memória do mundo. No arquivo, a memória confunde-se com os seus traços.

Não há arquivo sem lugar de inscrição, de impressão, portanto. No limite, é essa impressão o que distingue o possível da sua actualização. O arquivo, a potência do arquivo, só se realiza a partir dessa economia que é, convém recordar, uma bio-economia, uma economia dos corpos, dos nossos corpos, do nosso corpo.

Pensar hoje na febre do arquivo que parece ter tomado conta das nossas vidas é lembrar que o arquivo ideal encontrou com a internet a sua nemésis, o seu lugar de realização plena, ainda que perversa. Tudo parece destinado a morrer e a viver aí, nesse espaço etéreo onde todos os fantasmas descobriram um lugar, uma casa para habitar. Esse arquivo global é exponencial e virtualmente infinito, uma espécie de arquivo à escala do mundo, um lugar onde todas as imagens, todos os textos, todos os sons parecem sobreviver à custa do seu próprio desaparecimento. Ora, ao mesmo tempo que o arquivo ideal se realiza, finalmente, nesse etéreo virtual da rede das redes, há uma outra febre que cresce, das tatuagens aos piercings, estado febril que parece ter tomado conta das nossas vidas, um pouco como se sem uma sutura irrevogável não houvesse memória do mundo e, no limite, um corpo vivo, um pouco como se de outro modo fosse o corpo e a memória das coisas que estivesse em risco de desaparecer.

Na psicanálise não se lida com o arquivo sem pensar na sua destruição, ou pelo menos sem um entendimento, digamos assim, anarquista, face ao arquivo. O arquivo existe para ser anulado, para ser transgredido, para ser aniquilado e perdido como coisa esquecida. Contudo, ao mesmo tempo, há uma pulsão erótica que procura a sua inscrição radical no próprio corpo, como experiência tangível e impossível de apagar, já que “não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição, sem uma certa exterioridade” (Derrida).

A escrita parece ser a imagem perfeita do traço e do exercício da memória — e na verdade esse é, aparentemente, o caminho da psicanálise, que se faz do somático ao semântico, do corpo à linguagem, acreditando-se na mediação da palavra para recuperar o arquivo, para o arrancar ao esquecimento. No entanto, estou convencido que não é possível imaginar a invenção da psicanálise sem essa relação muda com as imagens e com o teatro das imagens que Freud viveu circunstancialmente com Charcot, mas sobretudo com essa extraordinária mudez da iconografia fotográfica de La Salpêtrière, como tão bem intuiu Didi-Huberman. Isto é, julgo que não é possível falar da memória e do arquivo sem falar das imagens e do corpo das imagens; julgo que não é possível um entendimento do arquivo sem uma inscrição no corpo e nas coisas, no

mundo dos corpos e das coisas. No limite é do caminho inverso ao da psicanálise que nos falam todos os arquivos, exercícios mudos e silenciosos atravessados por uma dupla pulsão, a da memória e a do esquecimento, a do traço e do seu desvanecimento. Não como percurso que se faz do somático ao semântico, como aconteceu através da medicalização do inconsciente empreendido pela psicanálise, mas precisamente do semântico ao somático, da linguagem ao corpo, numa espécie de regresso ao corpo onde se inscreve a história, toda a história.

Dezembro 2014

Este texto foi sendo escrito ao sabor dos encontros e desencontros do últimos meses de 2014. Começou por ser pensado como base da apresentação que fiz para o encontro *Kraft – Morri e agora?*. No entanto, algum tempo mais tarde, ao ler o trabalho de doutoramento do José Maças de Carvalho, reencontrei o texto *Mal d'archive, une impression freudienne*, de Jacques Derrida (1994), traduzido para inglês com o sugestivo título *Archive Fever*. Fico-lhes a dever, a um e a outro, muitas das intuições que serviram de fio condutor ao meu próprio texto.

